

PRINCÍPIOS DE PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NA PRÁTICA DO ESTÁGIO CURRICULAR DOS ANOS INICIAIS

Estela Maris Giordani
Isadora Souza Padylha

Linha temática – Propostas de formação para o desenvolvimento da inteligência humana integral nos ambientes sociais: espaços educativos, de trabalho e sociais. Como formar pessoas para serem a si mesmas em um contexto tecnológico?

Resumo: O estágio supervisionado representa uma etapa crucial no percurso formativo no curso de Pedagogia, constituindo-se em um espaço em que encontramos diversos desafios inerentes à prática educativa. Nosso objetivo é apresentar os relatos pessoais de uma experiência de estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental, realizado em uma escola municipal na cidade de Santa Maria. A pesquisa visa refletir sobre os desafios enfrentados e os respectivos resultados decorrentes da prática empregada em alfabetizar uma turma do 3º ano do ensino fundamental, em situação de vulnerabilidade social, aplicando os princípios da pedagogia Ontopsicológica a qual sustenta a abordagem plurimetodológica da Alfabetização 45D. Das 21 crianças, apenas dois estavam alfabetizados e os demais em diferentes níveis da lectoescrita. O estudo adota uma abordagem qualitativa, visando examinar os resultados da prática no contexto do estágio supervisionado. Como instrumento metodológico, foram utilizados os relatos de experiência advindos das vivências práticas durante o estágio. Para a realização das análises, além de recorrer a artigos com temas relacionados foram consideradas as reflexões das experiências cotidianas e as memórias contidas no relatório final de estágio. Teoricamente as reflexões foram sustentadas principalmente em Ferreiro (1985), Freire (1996), Meneghetti (2019; 2022), Giordani e Mendes (2007; 2011a; 2011b), Giordani (2014; 2024). A importância desta pesquisa reside na possibilidade de oferecer contribuições da pedagogia Ontopsicológica para a prática educativa, trazendo sucesso nos desafios enfrentados pelos estagiários no processo de alfabetização visando o aprimoramento contínuo do educador.

Palavras-chave: Pedagogia Ontopsicológica. Estágio Supervisionado. Ensino-Aprendizagem. Alfabetização 45D.

1. INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência o foco é apresentar os princípios da Pedagogia Ontopsicológica vivenciados ao longo das 120 horas de regência nos estágios curriculares de anos iniciais, realizado no período de setembro a novembro de 2023, em uma escola cujos 20 aprendizes de terceiro ano, estão em situação de vulnerabilidade social. O Estágio Supervisionado em Anos Iniciais é obrigatório aos estudantes de licenciatura em Pedagogia, pois é o momento em que o aluno se torna um professor. É a oportunidade de iniciar o contato mais sistematizado, controlado e acompanhado com a futura profissão. Estudar, compreender, fazer parte do seu campo de atuação estabelecendo relações entre a teoria e a prática de modo genuíno. O objetivo principal do estágio é praticar os conteúdos adquiridos ao longo da formação em pedagogia. É o momento de vivenciar desafios, refletir com os erros e acertos, adquirir aprendizagens, trazendo experiências no campo da docência em anos iniciais. Tudo isso ajuda a construir nossa identidade pessoal e profissional, é o momento em que o acadêmico experimenta a profissão de ser educador. Os professores, na escola, devem ser as primeiras pessoas que conhecem as características individuais de cada aprendiz, identificando as potencialidades e dificuldades no desenvolvimento, mas para isso, é necessário conhecer a criança como ser humano.

E, é neste sentido que a pedagogia Ontopsicológica auxilia a prática pedagógica do professor (Meneghetti, 2019; 2022; Giordani, 2011; 2014; 2024; Giordani e Mendes, 2007; 2011a; 2011b). O instrumento metodológico que utilizamos foi o relato de experiência advindos das vivências práticas durante o estágio, as reflexões das experiências e memórias incluídas no final do relatório final

de estágio, juntamente com artigos, livros e outras referências que nos respaldam a abordar as questões teóricas implicadas na construção deste estudo. Este estudo tem como objetivo geral analisar as aprendizagens e os desafios enfrentados vivenciando na prática educativa escolar os princípios da pedagogia Ontopsicológica para alfabetizar uma turma de 3º ano do ensino fundamental durante o período de estágio, sendo que, dos 20 aprendizes, apenas dois estavam alfabetizados.

2. DESCRIÇÃO DO PROBLEMA ENCONTRADO

O principal desafio encontrado foi que, das 20 crianças do terceiro ano, no mês de setembro 2023, terceiro bimestre do ano, apenas uma estava alfabetizada. Este contexto, se nada fosse feito, levaria a incidir no elevado índice de reprovação (fracasso escolar) e possível abandono, visto que, no diagnóstico realizado apresentavam os seguintes níveis de construção da linguagem, conforme Ferreiro e Teberosky (1985).

Embora entendamos que tal situação decorreu, em grande parte, pela condição do ensino remoto vivenciado pela pandemia, a realidade estava colocada e o fracasso eminente destas crianças era visível. O contexto em que encontramos estas crianças foi esta e a realidade que os diagnósticos nos indicavam eram os que sistematizamos no quadro a seguir.

Quadro 1 - Níveis de Construção da Leitura e Escrita da turma 3º ano, set./2023

Níveis construção	Antes de iniciar estágio
Pré-Silábico	4
Silábico	7
Silábico-Alfabético	7
Alfabético	2

Fonte: dados da pesquisa 2024.

Além dessa informação, o diagnóstico revelou uma realidade escolar em que a turma, após o diagnóstico, se encontrava em diferentes níveis de construções e aprendizagens, seja na leitura e escrita ou na matemática: quatro alunos no nível pré-silábico, sete no nível silábico, sete no nível silábico-alfabético e apenas dois alunos no nível alfabético. Na matemática, alguns alunos já sabiam realizar operações de adição e subtração simples, contudo, o estágio de resolução das operações era equivalente a uma turma de primeiro ano de ensino fundamental.

As outras duas turmas de 3º anos da mesma escola, já se encontravam com quase todas as crianças alfabetizadas, com exceção dos alunos com diagnóstico de condições atípicas, inclusas e com atendimento da educação especial. O diagnóstico revelou que a turma tinha carência de autonomia, visto que, essa repercute diretamente nos processos de aprendizagem. E, ainda era dividida por grupos, manifestavam atos agressivos e com muita dificuldade de cumprir regras e combinados.

Com relação ao acompanhamento dos pais, duas eram as situações: negligência ou substituição (pais faziam as tarefas pelas crianças). Entendemos que a negligência foi pela falta de acompanhamento dos responsáveis no cuidado com os estudos e na cobrança dos aprendizes e a carência de informações em como auxiliar as crianças em casa. E, quando existia o acompanhamento, os responsáveis faziam as tarefas de estudo de casa pelas crianças, pois vinham para a sala de aula com as tarefas prontas, mas a letra, visivelmente não era daquela criança, pois, ao realizar a correção, notamos que as grafias das letras eram diferentes das dos alunos. Alguns responsáveis ao invés de ajudar na realização das tarefas faziam pelos aprendizes, os que levava a não desenvolver responsabilidades, necessárias para as construções das aprendizagens que ocorriam em sala de aula. Isso

gerava outras consequências na escuta, diálogo, relações interpessoais e no envolvimento da família com o comprometimento das aprendizagens escolares. A condição social de vulnerabilidade destes aprendizes decorre da maioria das crianças da turma advirem de famílias carentes, que possuem baixa renda, sendo que dentre eles, existem filhos de pais presos, drogados, traficantes e desempregados. Por consequência, não possuem materiais escolares básicos, tão pouco, materiais de apoio ou um ambiente adequado para estudo.

E, por fim, o outro grande desafio foram os comportamentos agressivos no contexto de sala de aula, tanto quando estavam nos espaços escolares antes da aula, quanto nos horários de intervalo e final de aula. Comportamentos desrespeitosos de agressão verbal e física eram recorrentes de diversas formas e em situações com vários colegas. Além destas, havia outros comportamentos que nos confrontavam e nos preocupavam, situações tais como: sair da classe, conversar, fazer aviõezinhos ou os “estalinhos” de papel, jogar-se no chão, mexericar no armário da professora regente retirando materiais para brincar ou chamar a atenção em vez de realizar as propostas indicadas no momento, sair da sala de aula e ficar vagando pelo espaço da escola chamando a atenção de outras turmas. Todo este contexto nos colocava em situação de alarme, preocupação, frustração também, chegamos a pensar em desistir de tudo.

E, o que fez a diferença foi a forma que começamos a enfrentar tais situações, respaldadas pela professora orientadora de estágio, que, com a abordagem da Pedagogia Ontopsicológica nos conduziu a compreender o porquê todos os comportamentos ocorriam e principalmente, o que não devemos fazer e como fazer. Na orientação, aprendemos não apenas a como nos posicionar com as crianças, mas sobretudo uma abordagem de alfabetização fundamentada nesta perspectiva pedagógica assim como em demais autores. Tendo essas ferramentas em mãos, o trabalho começou a dar frutos e os resultados expusemos a seguir.

3. APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA NO PROJETO

Este artigo tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa realizada por meio de um relato de experiência das vivências das práticas pedagógicas implementadas durante o estágio. Para a realização do relato nos servimos dos registros realizados nas reflexões diárias contidas no relatório final do estágio, assim como, das memórias adquiridas com as crianças durante este período e das interações nas orientações de estágio.

Iniciamos o trabalho na escola desenvolvendo o diagnóstico do contexto educacional macro (município, bairro e escola) e depois específico da professora regente, turma e criança por criança de modo individual uma avaliação diagnóstica (sondagem no início e no final da experiência). Para Giordani e Mendes (2011a, p. 42) “Aprender a criança significa estudá-la principalmente no que se refere ao histórico de suas aprendizagens ou ainda não aprendizagens”. Com o diagnóstico conseguimos compreender o nível da construção e as habilidades que as crianças já tinham (cognitivas, sócio-emocionais, motoras e de linguagem). Estas informações foram úteis para conseguir realizar o planejamento e nos permitiram identificar as lacunas do que cada aprendiz necessitava. Com essas informações, conseguimos realizar um planejamento voltado a eles e, sobretudo, conhecer os contextos familiares e sociais de cada criança em relação ao modo operante de aprendizagens (Meneghetti, 2019).

Durante o período de estágio as orientações foram fundamentadas na prática dos princípios da pedagogia Ontopsicológica, as quais tem novas angulações e perspectivas teórico-metodológicas ao contexto prático da nossa formação e experiência no estágio (Giordani e Mendes, 2011a; 2011b; Giordani, 2011, 2014; 2024; Meneghetti, 2019). Martins e Giordani (2017, p. 109) trazem a contribuição da pedagogia Ontopsicológica: a “importância desta abordagem na formação do futuro pedagogo é que esta pedagogia auxilia o pedagogo a se ver como pessoa, dotado de potencialidade, um ser capaz, mas que precisa considerar a sua dimensão consciente e inconsciente”. Toda a vez que tais princípios eram seguidos observamos a resolução dos aspectos problemáticos, e toda vez

que não consideramos seus princípios não obtivemos resultados satisfatórios (Meneghetti, 2022). Seguimos os princípios “a) adulto de referência é determinante na interação com a criança; b) protagonismo responsável – a criança é capaz de se responsabilizar pelas suas decisões; d) a criança é um ser com capacidade; [...] d) campo semântico;” (Martins e Giordani, 2017, p. 99).

E, para alfabetizar as crianças seguimos a abordagem plurimetodológica da “Alfabetização 45D” (quarenta e cinco dias) desenvolvida e sistematizada pela professora Estela Maris Giordani no ano de 2022. Essa abordagem está sendo investigada e implementada nas práticas de alfabetização de seus orientandos de estágio, acadêmicos do curso de Pedagogia da UFSM. Além da situação do estágio, essa abordagem foi objeto de formação para as professoras do primeiro ciclo do ensino fundamental na escola municipal em que realizamos o estágio. Além dessa formação, também os professores do primeiro ciclo de uma escola municipal de Caçapava do Sul receberam esta formação e estão implementando essa proposta de alfabetização. Essa abordagem nasceu a partir da necessidade de alfabetizar crianças principalmente, no pós-pandemia, visto que, tendo vivenciado o primeiro e o segundo ano em ensino remoto, não presencial, as crianças de terceiro ano, estavam massivamente não alfabetizadas, com raras exceções. Este panorama perdura e no caso deste estudo, pode ser verificado nos contextos escolares ocorrido no final do ano de 2023. A abordagem plurimetodológica da Alfabetização 45D possui suas bases teóricas assentadas sobre a Pedagogia Ontopsicológica, fundamentada ainda sobre autores da área da educação e especialmente da alfabetização (Giordani, 2024).

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

Durante o processo de alfabetização, inicialmente, o principal desafio foi enfrentar uma turma de terceiro ano, em final de terceiro bimestre escolar, com alunos em diferentes estágios de desenvolvimento de leitura e escrita. Para identificar em qual nível cada aluno se encontrava, realizamos uma abordagem individualizada com uma sondagem, pela qual conhecemos cada aluno, sua realidade, interesses e aplicar um teste de psicogênese de Ferreiro e Teberosky (1985) para compreender em que nível se encontrava. Naquele momento percebemos que seria necessária uma abordagem adaptada para atender as diferentes necessidades individuais de cada aluno. Antes de realizar a proposta do planejamento e de assumir o papel de professor, foi necessário conhecer quem são os aprendizes, estudá-los nos seus aspectos individuais.

Durante o percurso do período do estágio curricular, fomos aos poucos modificando nossa forma de nos relacionar com a turma. Antes os tratava de maneira infantilizada, o que refletia um sentimento de nossa insegurança para eles. Percebemos que fez toda a diferença estar ciente nossas emoções e comportamentos ao interagir com os alunos, pois eles são sensíveis e por mais que não consigam compreender racionalmente o motivo de determinadas emoções, eles absorvem aquilo que o adulto transmite. Ou seja, o que o adulto transmite reflete em seu comportamento. Neste ponto percebemos que tivemos que revisar os padrões de pensamentos e ações em relação aos alunos e, essa mudança de postura permitiu conquistar a confiança a respeito deles. A partir dessa transformação os alunos começaram a reconhecer a professora, ter uma relação mais respeitosa e seguindo suas orientações como aquela que intenciona e busca promover concretamente as suas aprendizagens especialmente em relação a leitura e escrita. Portanto, se estabeleceu uma relação de autoridade, porém não de maneira imposta, mas, assentada no objetivo da relação pedagógica. Giordani, explicita o pensamento de Meneghetti (2014):

O educador (pai e mãe) não deve almejar mudar o outro, mas a si mesmo, se conseguir mudar a si mesmo, ingressa na capacidade de provocar a mudança no outro, mas porque é um exemplo vivo de que se pode mudar. Não é dizendo, mas de fato demonstrando em primeira pessoa que soube construir bem a si mesmo, essa dignidade que o professor demonstra dá

coragem e provoca o pequeno transmitindo a informação “se queres, é possível, se eu pude, porque não tu também não podes, é certo que podes!”. Portanto, “a criança evoluirá na maneira como foi conhecida e amada, assumindo dentro de si mesma o superego caracterizado dentro dos próprios adultos” (MENEGETTI, 2014, p. 58). (Giordani, 2014, p. 29).

Sendo assim, notamos a importância do exemplo da prática da autotransformação por parte dos educadores, pois devemos sempre estar focados em melhorar a nós mesmos, ao invés de direcionar esforços exclusivamente para modificar o comportamento das crianças. A mudança que movemos dentro de nós se tornou inspiração para os alunos acreditarem que eles também podem mudar, evoluir e melhorar.

Entendemos diante disso a importância da autotransformação por parte dos educadores, pois devemos estar focados e melhorar a nós mesmos ao invés de direcionar esforços exclusivamente para modificar o comportamento das crianças. Quando conseguimos nos modificar, inspiramos as crianças a seguir no caminho similar de autodesenvolvimento. Foram as transformações individuais da postura docente que promoveu que houvesse o reflexo de transformação nos alunos. E, assim, estas transformações contribuíram para superar os desafios encontrados.

No período de estágio, desenvolvemos uma prática cujo processo visou alfabetizar os alunos, visto que, essa era uma necessidade urgente. Segundo, Alves, Sanchez e Magalhães (2013):

O Estágio Supervisionado tem por objetivo principal propor um vínculo real a relação teoria e prática, pois o conhecimento acadêmico encontra uma aplicabilidade nas atividades da sala de aula, dessa forma a práxis realmente ganha sentido ao atingir seu objetivo maior, ou seja, o conhecimento teórico dando sustentação para a prática, e, por conseguinte promovendo um melhor ensino e aprendizado para todos os envolvidos nesse processo (Alves, Sanchez e Magalhães, 2013, p. 102).

Neste percurso os diversos desafios encontrados foram para além de propor um planejamento voltado para aquela turma, de acordo com sua realidade, interesses e características, bem como estudar e trazer estratégias de leitura e escrita que contribuam para o processo de alfabetização de cada aluno. Outros desafios foram percebidos, tais como trabalhar os aspectos: emocional, a auto-estima, a organização, o respeito e combinados.

Para o desenvolvimento da proposta pedagógica, foi fundamental, conhecer inicialmente cada aluno, sabendo suas particularidades e o contexto o qual está inserido, assim além de conhecê-lo, saber em qual nível da lecto-escrita se encontra, adotando estratégias de ensino adequadas para os alunos, trazendo seus interesses na sala de aula, realizando propostas que façam sentido e sejam conforme as suas capacidades. Também vivenciamos o ato de aprender a observar, pois os demais desafios foram visíveis quando passamos a adotar o olhar sensível. Percebemos que não conseguiríamos contribuir para o processo de alfabetização dos alunos se não considerássemos as demais demandas que a turma exigia, como desenvolver os aspectos cognitivo, emocional, social e psicomotor.

Quando o professor reconhece que é importante trabalhar com as emoções, contribui para que os alunos tenham um ambiente acolhedor, se tornando mais engajados para aprender e confiantes. O professor não pode focar apenas no processo de alfabetização, mas considerar o desenvolvimento emocional e pessoal de cada aluno, pois também faz parte do processo de ensino aprendizagem. Considerando todos esses elementos a serem desenvolvidos, ressaltamos a importância de adaptar e trazer estratégias de ensino para que todos se sintam incluídos e tenham a mesma oportunidade de aprender, atendendo as necessidades específicas. Pois, cada aluno tem o seu próprio ritmo, o seu próprio tempo e como educadoras e mediadoras, nosso papel é conhecer o nível de desenvolvimento de cada aprendiz, respeitar e adaptar o método de ensino para auxiliar todos avançarem, estimulando o potencial de cada aluno.

Para alfabetizar, utilizamos a abordagem plurimetodológica de Alfabetização 45 dias, desenvolvido por Giordani (2022), a qual fundamentou-se em Paulo Freire (1996), Pacheco (2014) Ferreira e Teberosky (1985), dentre outros, mas, principalmente em Antonio Meneghetti (2019; 2022). Quando começamos a utilizar esse método, ocorreram novos desafios por parte das crianças: não queriam realizar as propostas, não demonstravam interesse em aprender, preferiam ficar conversando ou qualquer outra coisa que não fosse ligada ao estudo. Buscamos alternativas, entender o que chamava a atenção deles, foi então que através de uma proposta lúdica percebemos a potência para aquela turma, pois isso fez eles se interessarem e assim foi trabalhado diariamente. À medida em que as atividades lúdicas, percebemos que eram bem recebidas, fomos aprimorando e dificultando o nível daquela proposta. Dessa maneira, observamos um avanço significativo no aprendizado da turma, contribuindo para superar um dos desafios.

Para superar o desafio de alfabetizar outros desafios apresentaram-se: no primeiro contato com a turma, na função de regente, as crianças manifestavam resistência em aceitar a nova professora e vê-la como uma “autoridade”. Os meninos da sala, a todo momento apresentavam comportamentos desafiadores, deboches. Eram agressivos de maneira física e verbal com os colegas, e tais atitudes exigiam habilidades de mediação de conflitos, o que assustava, precisando nos reinventar para lidar naquele momento. Portanto, desde o início foi necessário nos observar e refletir sobre as nossas práticas pedagógicas. Ou seja, não nos focamos em mudar os aprendizes, mas nos modificar (Meneghetti, 2019; Giordani, 2011; 2014). Entendemos na prática que, se as crianças não reagem bem, somos nós adultos que temos que modificar, exercendo constantemente postura humilde, repensando e reconstruindo a prática (Meneghetti, 2019; Giordani, 2011; 2014). Percebemos que nossa identidade de pedagoga, educadora estava em construção e que através da nossa mudança na forma de interagir com as crianças e as novas abordagens surgiram novos comportamentos positivos na sala de aula. As crianças começaram a reconhecer a nossa autoridade docente e gradualmente se tornaram mais participativos, interessados e a se envolver nas propostas. Compreendemos que o professor se depara com diversas situações, mas com as compreensões a partir da pedagogia Ontopsicológica trazidas nas orientações de estágio, percebemos que existem maneiras e estratégias para solucionar os desafios.

Com nossa experiência percebemos que, na construção da identidade docente a acomodação não faz parte desta profissão, é necessário sair da zona de conforto, atender as demandas da turma, buscando metodologias, soluções e estratégias para se alinhar com os objetivos daquele momento. Para isso, foi necessário um planejamento voltado a eles, precisando ouvir atentamente seus desejos e reconhecendo-os como protagonistas de sua própria aprendizagem (Meneghetti, 2019; Giordani, 2011; 2014). Desse modo, a introdução do elemento lúdico foi chave nesse processo (Fernandez, 1992; Meneghetti, 2019), pois, contribuiu para se tornarem agentes participativos, colaborando na criação de jogos, definindo regras, auxiliando os colegas, e criando uma cultura de cooperação e socialização. Os elementos lúdicos estavam presentes também na matemática, pois eles se demonstraram desinteressados. A busca por propostas de jogos foi constante e transformando a aprendizagem da matemática em momentos leves e de alegria, superando a ansiedade, permitindo proporcionar momentos alegres e significativos.

Ficou evidente para nós que a aprendizagem não se limita às quatro paredes da sala de aula e, que é importante explorar os demais ambientes que a escola proporciona. Trabalhamos de forma interdisciplinar para introduzir e reforçar as aprendizagens. Por exemplo, integramos a educação física com a matemática e o processo de alfabetização com circuitos motores nos quais continham desafios de escrita, leitura e matemática. Assim, além de desenvolver o intelecto, outras áreas foram trabalhadas: cooperação, coleguismo, respeito, motricidade e autonomia. Utilizando essas propostas lúdicas e o projeto de leitura, foi possível perceber semanalmente seus avanços, desenvolvendo habilidade de leitura, escrita e interpretação. No entanto, logo no início do estágio, mesmo trazendo seus interesses para as propostas, ainda não estávamos conseguindo atingir os objetivos, pois os

meninos nos testavam com comportamentos inadequados. Os desafios, aos poucos, foram superados quando mudamos nossa postura, estabelecemos regras claras, cumprimos com os combinados estabelecidos em comum acordo e, aumentamos o volume de propostas para aqueles que eram mais rápidos. Com essas atitudes e outras, fomos conquistando diariamente o respeito das crianças e gerando um ambiente favorável para aprender, pois, as crianças são sensíveis e, por mais que elas não consigam compreender o motivo de tais emoções, absorvem aquilo que o adulto transmite e refletem em seu comportamento (Giordani, 2014; 2024). Essas emoções influenciam diretamente o comportamento dos alunos. Giordani e Mendes (2011a) explicam que:

Todas as emoções que o adulto possui durante o processo de vivência e interação com a criança são comunicadas e colhidas pelas crianças. Essas por sua vez reagem às emoções informadas pelos adultos, mas não sabendo de quem são, e porque estão sentindo, elas tomam tais informações como se fossem próprias e passam a executá-las (Giordani e Mendes, 2011a, p. 29).

Ter consciência disso, contribui para gerar um ambiente escolar saudável e um desenvolvimento emocional positivo dos alunos. Para alcançar essa mudança, precisamos revisar os padrões de pensamentos e ações em relação aos alunos, aos poucos essa mudança de postura nos permitiu conquistar a confiança e o respeito deles. Quando estabelecemos o vínculo de confiança com eles e apoiava e valorizava suas pequenas conquistas, elas começaram a responder positivamente com empenho e responsabilidade no aprender (Giordani e Mendes, 2007; 2011a; 2011b). Não se tratava de falar, mas demonstrar com atitudes, dia após dia, que acreditávamos no potencial de cada um: parabenizando ou desafiando com propostas mais difíceis, comprovando acreditar em sua capacidade de conseguir realizar. Quando estabelecemos os limites não deixando fazer o que bem entendiam também houve a conquista deles, porque percebiam nossa firmeza e preocupação com sua evolução.

Percebemos que a verdadeira amorosidade não era a “melosa”, mas o comprometimento e a confiança no potencial de cada um e da turma. No decorrer desse processo, percebemos que o avanço dos alunos estava avançando muito além das propostas didáticas, estavam mais responsáveis, educados, amorosos e estudiosos. A relação de confiança entre professor e aluno foi essencial para cultivar esse ambiente que propiciou as aprendizagens. Giordani (2002), ressalta que:

No processo educativo o conhecimento e o domínio técnico do ato pedagógico são mediados pela forma que cada educador constrói a si como pessoa. Por isso, a formação da personalidade do educador é fator imprescindível na educação das novas gerações, que serão responsáveis pelo desenvolvimento do potencial humano do terceiro milênio (GIORDANI, 2002, p. 58).

Percebemos que, não importa o tamanho do desafio encontrado, sempre haverá uma solução. Mudamos nossa postura de firmeza em estabelecer limites por meio dos combinados com a turma a partir das nossas conversas. Todos participaram para ser justo com todos, e não de uma forma autoritária, precisava da colaboração e responsabilidade dos alunos. Outra estratégia utilizada foi a organização do ambiente da sala de aula de maneira dinâmica, os alunos trabalhando em duplas, grupos ou em formato de “u”, possibilitando a troca de conhecimento, discussões e aproximá-los. Nesses momentos, ocorria muita aprendizagem entre os próprios alunos, aqueles que tinham mais facilidade ajudavam os que tinham dificuldade. Além de fortalecer os laços, promoveu a autoconfiança daqueles que conseguiam ajudar os colegas. Nunca fornecemos respostas prontas, meu papel era ser facilitadora do aprendizado, incentivava a desenvolver seu próprio raciocínio e pensamento crítico. Eles tornaram-se participantes ativos e cientes da sua responsabilidade nesse processo de aprendizagem e, começaram a adquirir autonomia. Grande parte da evolução foi resultado da abordagem da pedagogia Ontopsicológica. A vivência do papel docente ultrapassou o papel de “transmitir conteúdos” pois criamos uma relação de respeito sendo que eles assumiram suas responsabilidades e de nossa parte, promovemos estratégias e propostas de acordo com o

seu interesse para sua evolução. No quadro a seguir explicitamos os resultados obtidos fazendo a comparação entre o início do estágio e o final do estágio, em relação ao processo de construção da leitura e da escrita.

Quadro 2 - Níveis de construção antes e depois da realização do estágio

NÍVEIS CONSTRUÇÃO	ANTES DE INICIAR ESTÁGIO	DEPOIS DE 45 DIAS DE REGÊNCIA
PRÉ-SILÁBICO	4	2
SILÁBICO	7	0
SILÁBICO-ALFABÉTICO	7	1
ALFABÉTICO	2	17

Fonte: dados da pesquisa 2024.

Podemos considerar que a turma se alfabetizou, sendo que apenas dois permaneceram nos estágios iniciais de construção pois eram inclusos, os demais avançaram para o nível alfabético, da leitura e escrita, com exceção de um que estava no nível silábico-alfabético. Esse resultado reflete nosso mérito e deles. Tudo o que foi relatado contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento escolar e pessoal dos aprendizes. Tornaram-se mais responsáveis, educados e comprometidos com sua própria educação, o que refletiu positivamente nos resultados obtidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho exploramos a análise de uma experiência bem-sucedida aplicando os princípios da pedagogia Ontopsicológica na prática do estágio de 120h do curso de pedagogia, realizado no período de setembro a novembro de 2023 em uma escola pública cuja clientela é de vulnerabilidade social, em um terceiro ano do ensino fundamental no qual apenas duas crianças encontravam-se no nível alfabético. A reflexão sobre a prática é crucial para o professor pois podemos observar as falhas e acertos, identificando quais pontos há necessidade de melhorar e estratégias utilizar. Foi pelo fato de reconhecermos o que exercemos e porque fracassamos ou acertamos que podemos repensar e reconstruir nossas propostas de ação. Assim, os desafios encontrados durante o período de estágio só foram possíveis de serem solucionados por conta das autorreflexões diárias e de colocar em prática as orientações de estágio a partir dos princípios da pedagogia Ontopsicológica: é o educador que deve mudar se quer que a criança modifique (Meneghetti, 2019; Giordani, 2011; Giordani e Mendes, 2011a; 2011b). O exercício da docência aplicando essa perspectiva permitiu aprender uma outra forma mentis de fazer pedagogia.

Neste percurso buscamos incansavelmente solução para os obstáculos que se encontravam e a determinação de ir além, de nos proporcionar viver a experiência de ser professora por completo. Podemos dizer que realizamos o desejo de contribuir para o processo de alfabetização e aprendizado na vida dos aprendizes marcando positivamente suas vidas. Essa foi uma realização profunda e estávamos cientes que era o mínimo que podíamos lhes oferecer, pois aprendemos muito quando nos colocamos em atitude aberta de com eles aprender. Cada desafio superado, interação e os momentos de aprendizado mútuo nos fizeram crescer. Enquanto nós ajudávamos a perceber a capacidade deles, também evoluímos. Com isso, tivemos evidência também de nossa própria capacidade educadora. A oportunidade em realizar o estágio nesta turma, todos esses desafios nos transformaram profissionalmente e pessoalmente, proporcionando um sentimento de realização e alegria.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. P.; SANCHEZ, A. B.; MAGALHÃES, C. **O estágio supervisionado no curso de pedagogia: “E quem já é professor”?** Vivências e experiências da prática de estágio. Revista eletrônica Pro-Docência/UEL. Edição nº 4, vol. 1, jul./dez. 2013, p. 99-109.

FERNADEZ, Alicia. **Agressividade: Qual o teu papel na aprendizagem?** In: GROSSI, E. P; BORDIM J.(org.). Paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1992. p.168-180.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

GIORDANI, E. M. **A Pedagogia Ontopsicológica na formação do aluno como um ser responsável de sua aprendizagem.** Atos do Congresso Responsabilidade e Reciprocidade. Fundação Antonio Meneghetti & Faculdade Antonio Meneghetti. Recanto Maestro, 2011, p. 40-66. Disponível em <http://hdl.handle.net/123456789/218> . Acesso em 30 maio 2024.

GIORDANI, E. M. **A docência como ato de inteligência e a formação do professor universitário.** In: Anuais de I Fórum de Ensino Superior do sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina. Pato Branco, CEFETI-PR. Fundação Araucária, 2002. p. 54-59.

GIORDANI, E. M. **Como educar crianças de seis a doze anos** In: Uma nova pedagogia para a sociedade futura.1 ed. Recanto Maestro RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014, v.1, p. 15-26.

GIORDANI, E.M; MENDES, A. M. M. **Pedagogia Ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental.** São Paulo. Rev. Nuances: estudo sobre educação. v. 20, n. 21, set./dez. 2011a. p. 44-62.

GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. **A pedagogia ontopsicológica e a formação do pedagogo.** In: GUIMARÃES, C. M.; REIS, P. G. R. dos; AKKARI, A.; GOMES, A. A. (org.). Formação e profissão docente. São Paulo: Junqueira & Marin, 2011b. p. 206-222.

GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. **A subjetividade no processo pedagógico das orientações no ensino superior.** In: FREITAS, D. S.; GIORDANI, E. M.; CORRÊA, G. C. (org.). Ações educativas e estágios curriculares supervisionados. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. p. 87-107.

GIORDANI, E. M. **Prolegômenos da Abordagem plurimetodológica da Alfabetização 45D.** Material Didático de Propriedade da Identità Pesquisa e Formação Interdisciplinar. Recanto Maestro: RS, 2024, p. 72.

MARTIM, J. A., & GIORDANI, E. M. (2017). **Pedagogia Ontopsicológica na prática educativa do pedagogo em formação.** Saber Humano: Revista Científica Da Faculdade Antonio Meneghetti, 7(11), 96–110. <https://doi.org/10.18815/sh.2017v7n11.252>

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

PACHECO, J. **Aprender em Comunidade**. São Paulo: Edições SM, 2014.